

A Constituinte, apesar do risco, era a meta final

O carro-chefe do discurso da Nova República é, sem dúvida, a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte. Tancredo Neves antevia, nesse ato, o desfecho da transição e, concretamente, o início de novos tempos para o País. Sua eleição foi o batismo da Nova República. A Constituinte seria a crisma, a confirmação. Por isso mesmo, cuidava do assunto com uma atenção toda especial. Justamente por depositar expectativas tão grandes sobre aquela etapa, temia que ela lhe saísse pela culatra. Isto é: a radicalização de tendências no período que precede sua instalação poderia resultar em conflitos que, ao invés de levar o País para o caminho das luzes, o devolveria ao túnel escuro do autoritarismo.

Essa hipótese não decorria de mera paranóia. Poucos como ele sabem que desfecho pode ter uma Constituinte embalada pela euforia ideológica, desprovida das cautelas necessárias. Afinal, foi um privilegiado observador da Constituinte de 1946 e, na condição de deputado estadual, membro da Constituinte mineira, em 1947. Foi, portanto, co-autor, ainda que no plano regional, de um pacto social que resultou, após diversas manobras de desestabilização, no regime militar de 1964.

Por isso mesmo, agora, Tancredo programou a instalação de uma comissão de juristas — a ser integrada por gente da esquerda, da direita e do centro —, incumbida de preparar um anteprojeto de Constituição, que antecipasse os conflitos da Assembleia e permitisse a solução, senão de todos, pelo menos de alguns. Essa comissão ainda não foi instalada, sequer escalada.

Esses receios e cautelas ele já os tinha em 1946. Foi um consti-

tuinte atuante, negociador, cauteloso. Sua cultura jurídica o fazia sempre requisitado em momentos delicados. Assim, pelo menos, depõem sobre ele alguns colegas daquela época.

Diz o ex-deputado estadual Antonio Pedro Braga, ex-PSD:

— Na Assembleia, desde logo ele se revelou um deputado culto e consciencioso de suas responsabilidades de parlamentar. Instalada a Constituinte e nomeada a grande comissão constitucional, ele foi, pelo seu valor e cultura, escolhido como relator geral.

Prossegue o ex-constituinte:

— Tancredo já era um líder, atuando de maneira elevada e habilidosa. Leal a seu partido, tratava os adversários com urbanidade. Mas, quando se fazia necessário, sabia ser enérgico.

Outro ex-constituinte, Armando Ziller, ex-PCB, acrescenta:

— Apesar de novo — tinha só 36 anos —, Tancredo já possuía grande experiência política. Destacou-se, numa turma de mais velhos, entre nomes já conhecidos, como Pedro Aleixo, Oscar Dias Correa, Ribeiro Pena e Júlio Carvalho. Apesar de adversários, tivemos sempre uma ótima convivência. E, desde aquele tempo, era um homem que somava, por sua ponderação e equilíbrio.

Quem fala agora é o ex-constituinte, da adversária UDN, Fabricio Soares:

— A Constituinte mineira de 47 se compunha, basicamente, de políticos novos, que tinham na época sua primeira oportunidade de participação na vida pública, após a longa ditadura de Vargas. Tancredo afirmou-se rapidamente, destacando-se justamente pelas qualidades que hoje o levaram à Presidência.

